

## **As percepções e usos da informação por estudantes universitários brasileiros: subsídios para o planejamento de ações de letramento informacional**

### **Perceptions and uses of information by Brazilian university students: future input for the planning of information literacy initiatives**

#### **Resumo**

Apresenta um estudo que teve como objetivo principal levantar as percepções, hábitos e usos da informação de universitários numa universidade pública no Brasil. Foi disseminado online via a rede social Facebook um questionário composto de nove questões, e foram retornados 216 questionários respondidos na sua inteiridade. Os resultados não divergem muito daqueles levantados em outros países entre universitários, e em geral, apontam para uma contundente preferência pela informação em formato digital, e principalmente aquela acessada por buscas realizadas a partir dos buscadores *Google* e *Google Acadêmico*. Há uma concomitante e marcante negligência do uso de catálogos de bibliotecas, fontes impressas, e, inclusive, das bases de dados referenciais de alta qualidade às quais os universitários brasileiros têm acesso subsidiado pelo governo brasileiro. Foi constatado uma falta de familiaridade com os termos usados para descrever fontes de informação, implicando que a relação entre o uso do *Google Acadêmico* e repositórios digitais é desconhecida, e a maioria dos respondentes apontou as indicações dos seus professores como sendo o “filtro de qualidade” da informação, não possuindo seus próprios mecanismos para avaliá-la. O uso feito da biblioteca universitária pelos respondentes é limitado, e há o preocupante desconhecimento das atribuições e potencial contribuições do profissional bibliotecário.

Palavras-chave: Estudantes universitários; recursos de informação; necessidades e usos de informação; diagnóstico literacia da informação.

#### **Resumen**

Se presenta un estudio que tuvo como objetivo recaudar percepciones, hábitos y usos de la información por estudiantes en una universidad pública en Brasil. Se difundió en línea a través de la red social Facebook, un cuestionario compuesto de nueve preguntas, y se devolvieron 216 cuestionarios completados. Los resultados no difieren mucho de las planteadas en otros países entre los estudiantes universitarios y, en general, muestran una preferencia notable por la información en formato digital, y sobre todo que se accede por medio de búsquedas realizadas por *Google* y *Google Scholar*. Hay una negligencia concomitante y notable del uso de catálogos de bibliotecas, fuentes impresas, e incluso las bases de datos de referencia de calidad alta a los que los estudiantes universitarios brasileños tienen acceso subsidiado por el gobierno brasileño. Se encontró una falta de familiaridad con los términos utilizados para describir las fuentes de información, lo que implica que la relación entre el uso de *Google Scholar* y repositorios digitales es desconocida, y la mayoría de los encuestados señaló las instrucciones de sus maestros como el “filtro de calidad” de la información y no tiene sus propios mecanismos para evaluarla. El uso de la biblioteca de la universidad por los encuestados es limitada, y hay una preocupante falta de conocimiento de los roles y contribuciones potenciales bibliotecario.

**Palabras clave:** Estudiantes universitarios; recursos de información; necesidades y usos de la información; diagnóstico de la alfabetización en información.

## **Abstract**

A study that aimed to identify the perceptions, habits and uses of information by students at a public university in Brazil is presented. A questionnaire composed of nine questions was disseminated online via the social network Facebook, and 216 completed questionnaires were returned. The results do not differ much from those found in other countries among university students, and in general, show a striking preference for information in digital format, and that which is mostly accessed by searches conducted from Google and Google Scholar search engines. There is a concomitant and striking neglect in the use of library catalogs, printed information sources, and even the high quality reference databases to which university students have access subsidized by the Brazilian government. A lack of familiarity with the terms used to describe information sources was identified, implying that the relationship between the use of Google Scholar and digital repositories is unknown, and most respondents pointed to the directions of their teachers as the "quality filter" for information and they do not have their own mechanisms for evaluating it. The use made of the university library by the respondents is limited, and there is a worrying lack of awareness of the roles and potential contributions of librarians.

**Keywords:** university students; information resources; information needs and uses; information literacy diagnosis.

## **1. Introdução**

O estabelecimento e a posterior consolidação da produção, disseminação, troca, uso e compartilhamento da informação científica em formatos predominantemente digitais (eletrônicos) têm transformado profundamente, nas últimas décadas, a forma pela qual os estudantes universitários e os pesquisadores científicos estudam e trabalham. A busca pelos materiais acadêmicos e de pesquisa tem se tornado cada vez mais ágil, principalmente porque os pesquisadores e estudantes conseguem encontrá-los sem nem mesmo precisarem sair de perto da sua mesa de trabalho: hoje, pode-se pesquisar em múltiplos recursos e fontes digitais de informação: os repositórios abertos, plataformas de bases de dados bibliográficas referenciais e de texto completo, catálogos de bibliotecas entre outros, ou através de um único buscador como o do Google Acadêmico ou ainda iniciando-se com um metabuscador, como o *Dogpile* ou *Metacrawler*. É consenso na literatura científica que as gerações atuais de estudantes universitários, no mundo todo, trabalham quase que exclusivamente em ambientes digitais, buscando, organizando, trocando e compartilhando as informações no contexto dos seus estudos universitários, e subsequentemente apresentando-as também em formatos e

ambientes digitais: ou seja, as atividades acadêmicas e sociais dos universitários hoje são mediadas por o que Gutierrez (2011, p.362) chama o “entorno tecnológico”.

Por ter nascido na época pós-1993, quando a internet já estava a caminho para se estabelecer como uma dimensão onipresente na vida cotidiana, e por desempenhar quase todas as atividades de aprendizagem usando as tecnologias convergidas digitais, essa geração de graduandos é frequentemente denominada a “Geração Y”, “geração Z” “*millenials*”, “geração Google”, “nativos digitais” (ROWLANDS et al, 2008; NOVELLI; LEITE; SITTA, 2010). Gutierrez (2011) também apresenta uma significativa revisão e discussão sobre os conceitos por trás desta miríade de termos usados para denominar esta geração.

O reconhecimento desse fenômeno da ubiquidade das TIC convergidas na vida dos graduandos tem suscitado uma crença, quase que em nível do “senso comum”, de que eles têm uma facilidade e aptidão “natural” para manusear essas tecnologias para encontrar, acessar e usar as informações necessárias para a realização das tarefas constituintes dos seus estudos na graduação. No entanto, existe um corpo crescente de trabalho, principalmente oriundo do campo de “letramento informacional” (ou “competências informacionais”) que desconstrói tal crença, demonstrando que, de fato, a tendência é que essas gerações busquem e avaliem a informação de formas intuitivas e superficiais, frequentemente prescindindo de um senso crítico e uma postura ética (TAYLOR, 2012).

As implicações disso são sentidas por docentes universitários, ao avaliar trabalhos acadêmicos elaborados a partir de pesquisas bibliográficas empobrecidas, e pelas bibliotecas universitárias, que idealmente seriam “a primeira parada” para o universitário buscar adquirir competências informacionais em sessões de letramento informacional. Existe um descompasso entre o tipo de fonte de informação que os docentes esperam que seus alunos citem e aquilo que os estudantes de fato utilizam e citam.

Também as bibliotecas universitárias de hoje estão tendo que reconfigurar seus papéis e ações, já que os ambientes informacionais quase que exclusivamente digitais as obrigam a se tornarem espaços de fornecer acesso 24/7 a tais ambientes, e, também, fornecer espaços físicos diferenciados e bem mais flexíveis (as chamadas “*information commons*”, (FURNIVAL; GRACIOSO, 2011) para subsidiar o estudo e aprendizagem mista (*blended learning*) que se pauta no acesso às fontes “tradicional”, impressas e aquelas digitais, além de fomentar condições adequadas ao trabalho em grupo. Entre o rol de atividades que os bibliotecários universitários oferecem são as supramencionadas sessões de letramento informacional, mas estes profissionais estão tendo que se adaptar e evoluir radicalmente o conteúdo e a forma destes processos de “educação do usuário”, justamente para se alinharem com as mudanças do ambiente informacional que impactam demasiado na forma com que os universitários buscam, avaliam e usam a informação.

É inevitável que haja algumas especificidades e particularidades no *design* das intervenções de letramento informacional, relacionadas tanto ao nível micro – ao próprio perfil do aluno individual – mas também ao nível macro – relacionadas à configuração institucional do ambiente informacional no qual os graduandos se encontram. Isto é, acreditamos que, para elaborar módulos, pacotes, cursos, tutorais – qualquer que seja o tipo de material para o letramento informacional numa dada instituição – será preciso antes diagnosticar as necessidades e práticas informacionais dos usuários daquela comunidade. Os resultados de tal estudo poderão assim, subsidiar as iniciativas de letramento informacional. Posto isso, o propósito principal do presente artigo é o de apresentar os resultados de um estudo que teve como objetivo levantar dados sobre as práticas informacionais de graduandos de vários campos disciplinares que estudam numa universidade pública brasileira. Antes de passar para o método e resultados, apresentaremos, nas subseções a seguir, uma breve

discussão acerca de alguns conceitos e propostas, além de pesquisas semelhantes, levantados na revisão da literatura que embasaram nosso estudo.

### *1.1 Comportamento e letramento informacional*

Em 1999, Tom Wilson propôs um modelo simples que esquematizou os temas e enfoques dos subcampos daquilo que ele entendeu como constituindo o campo de “comportamento informacional”. Para ele, o comportamento informacional (*information behaviour*) representa o campo mais amplo que engloba a totalidade de fontes e canais de comunicação, e a busca passiva e ativa pela informação, ao passo que o subcampo de comportamento de busca pela informação (*information seeking behaviour*) foca a variedade de métodos acionados por usuários para terem acesso às informações para atender a uma necessidade de informação e satisfazê-la. Já o “sub-subcampo” no modelo de Wilson (1999), o “comportamento de busca em sistemas de informação” (SIs) (*information searching behaviour*) trata das interações entre usuários e SIs, no ato “micro” de busca. Estendendo um pouco a compreensão de Wilson sobre o campo de comportamento informacional, Case (2012) também o vê como englobando o comportamento de busca pela informação, além dos comportamentos não-intencionais e passivos (p.ex. o “encontro, por acaso” com a informação – *information encountering*) e os comportamentos propositais não envolvendo a busca, como a postura de ativamente evitar a informação (*information avoidance*).

O campo prático de “letramento informacional” (ou de ensinamento de “competências informacionais” ou “alfabetização em informação” – veja Dudziak (2003) e Uribe Tirado (2010) para uma discriminação da variedade de termos utilizados para este conceito nas línguas inglesa, portuguesa e espanhola) visa propor intervenções nos dois subcampos do modelo de Wilson (comportamento de busca e de busca em SIs), para fomentar competências na identificação, localização e acesso da informação certa para a necessidade à mão, que os

estudantes também aprendem a delimitar. Também prevêem o fomento de um outro conjunto de competências para avaliar a informação encontrada em termos da sua confiabilidade e qualidade, usá-la corretamente e eticamente e finalmente, apresentá-la na forma adequada ao problema ou tarefa em questão.

Existem padrões e critérios para nortear a elaboração de materiais para o ensino (letramento) das competências informacionais, além de avaliar o grau de competência informacional atingido, dois exemplos desses podemos citar, sendo os padrões da *Association of Research Libraries* (ARL) nos EUA, e os da *Society of College, National and University Libraries* (SCONUL) no Reino Unido. De acordo com este último, “As pessoas letradas informacionalmente demonstrarão uma consciência de como coletam, usam, gerenciam, sintetizam e criam a informação e dados numa maneira ética e terão as competências informacionais para realizá-los efetivamente” (BENT; STUBBINGS, 2011). Desde 1999, a SCONUL divulga seu “*Information Skills 7 Pillars*” que esquematizam as dimensões supracitadas, e que vem sendo adaptado ao longo dos anos recentes para incorporar as dimensões da paisagem informacional exclusivamente digital.<sup>1</sup> Por sua vez, a ARL conceitualiza o letramento informacional como um conjunto de competências que implica que um indivíduo saiba “reconhecer quando a informação é necessitada, e ter a capacidade de localizar, avaliar, e utilizar efetivamente a informação necessitada” (ARL, 1999-2013). O *framework* da ARL consiste em cinco padrões (*standards*), que, por sua vez, são desmembrados em conjuntos de indicadores de desempenho (*performance indicators*) com seus respectivos conjuntos de resultados esperados (*outcomes*) para cada indicador, e o que auxiliam na avaliação da efetividade da intervenção de letramento informacional.

---

<sup>1</sup> Vide <http://www.sconul.ac.uk/tags/digital-literacy>

## 1.2 O comportamento e letramento informacional de universitários

É inegável que a maioria dos trabalhos publicados apresentando modelos de comportamento informacional, e sobre as intervenções de letramento informacional para potencialmente impactarem positivamente nesses comportamentos, foca a educação formal. O renomado modelo comportamental, o ISP – *Information Search Process* – da Carol Kuhlthau, foi desenvolvido a partir da mesma autora em escolas de primeiro grau nos EUA. A grande importância desse trabalho seminal, e sua subsequente proposta da integração do ensino das competências informacionais dentro da sala de aula como parte integral do currículo escolar, é que as competências informacionais não mais se restringem ao âmbito da biblioteca (DUDZIAK, 2003). Mudança relevante para inculcar autonomia nos alunos escolares, e também relevante no contexto da mudança do paradigma da biblioteca universitária (recursos informacionais/ aprendizagem etc.)

A pesquisa aqui apresentada foi influenciada por estudos de avaliação do comportamento informacional de universitários já realizados nos Estados Unidos e Europa (HEAD; EISENBERG, 2010; HEAD; EISENBERG, 2009; ROWLANDS et al, 2008; SPINK e COLE, 2006; METZGER; FLANAGIN; ZWARUN, 2003). Vários desses estudos propuseram testar a hipótese que os universitários da “geração *Google*” são mais “letrados” no uso da web (*web literate*),

As seguintes indagações constituíram o ponto de partida de nosso estudo: Como se comportam os universitários da geração *Google* nas suas pesquisas e buscas pela informação dentre as inúmeras possibilidades em oferta hoje? Quais preferências de fontes têm? Como utilizam a biblioteca da universidade? Assim, o objetivo geral da pesquisa foi o de delinear as práticas e preferências informacionais de um grupo de universitários brasileiros da “geração *Google*” que estudam numa universidade pública.

## 2. Método

O método adotado foi de caráter exploratório, usando métodos qualitativos e quantitativos, já que englobou tanto a fase de levantamento, estudo, análise e síntese da literatura relevante ao estudo – uma fase central a qualquer pesquisa científica – quanto a fase empírica de levantamento de dados através de um *survey* composto por perguntas fechadas e aplicado *online* via a rede social *Facebook*, sendo que os resultados finais necessitaram de uma análise estatística simples. A elaboração do instrumento de coleta foi inspirada em outros estudos semelhantes, especialmente os de Eisenberg e Head (2009; 2010), intitulados, respectivamente: *How college students seek information in the digital age* e *How college students evaluate and use information in the digital age*.

Adaptamos livremente várias das questões do instrumento desses autores para o nosso (apresentado no Anexo A), e nosso questionário contava com oito questões sendo composto principalmente de questões estruturadas, utilizando uma escala Likert em torno de cinco graus de frequência (“sempre”, “frequentemente”, “às vezes”, “pouco”, “nunca”), e outras questões de múltipla escolha. Com a exceção de uma, todas as questões contiveram campos abertos ao fim para a inclusão de comentários abertos sobre as questões. O questionário fechou com uma questão aberta, caso o respondente quisesse fazer sugestões ou comentários sobre o questionário em geral. O pré-teste do questionário foi realizado com 8 alunos de graduação oriundos da mesma universidade onde foi aplicado a versão final.

Foi adotada a ferramenta *Googledocs* para a confecção e veiculação do questionário, e como meio de divulgação do link ao questionário, utilizamos a rede social *Facebook*, no perfil de um grupo da universidade pública onde foi realizado nosso estudo. Este meio de divulgação foi escolhido por ser considerado o mais próximo e mais acessado pelo público alvo. O questionário ficou acessível entre 24/10/2013 e 24/02/2014, sendo que este intervalo

de tempo suscitou o retorno de 216 questionários respondidos na íntegra, o que representa 1,8% do total número de graduandos (em cursos presenciais e à distância) da universidade estudada.

### 3. Resultados

Segue a apresentação de um subconjunto do total dos resultados obtidos, não havendo espaço aqui para a inclusão de todos os dados coletados e analisados. Entendemos que a representatividade de todas as áreas de conhecimento nas respostas foi razoável, com a exceção das da área de Ciências Agrárias com apenas 2 alunos respondendo, como pode ser vista na Tabela 1 que segue:

Tabela 1 – Distribuição dos respondentes por área de conhecimento

<b>Grande área de Conhecimento</b>	<b>Números absolutos</b>	<b>Porcentagem</b>
Ciências Agrárias	02	1%
Ciências Biológicas	27	13%
Ciências Humanas	32	15%
Ciências Exatas e da Terra	55	25%
Ciências Sociais Aplicadas	24	11%
Engenharias	53	25%
Linguística, Letras, Artes	23	11%
<b>Total</b>	<b>216</b>	

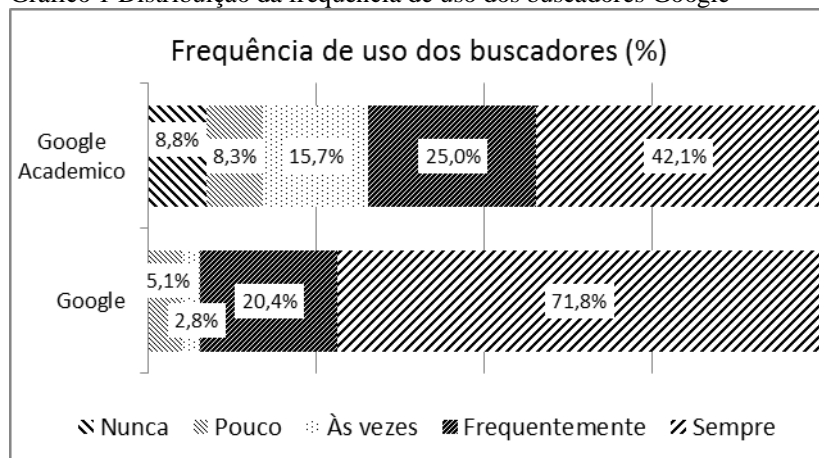
Ao início do questionário, foi solicitada aos respondentes informação acerca da frequência com que eles elaboram um “roteiro de pesquisa” antes de iniciarem suas buscas pela informação para realizar seus trabalhos acadêmicos. Os resultados revelam que apenas 35% dos respondentes afirmaram que “sempre” ou “frequentemente” elaboram tal tipo de roteiro (9% deste total afirmando que “sempre” elaboram), sendo estes majoritariamente de cursos das Exatas (Ciências Agrárias, Ciências Exatas e da Terra, e as Engenharias). No entanto, somados, os que fazem “às vezes, pouco, e nunca”, chegam a 65% dos respondentes, distribuídos quase que igualmente em todas as áreas do conhecimento. A maioria dos

respondentes, então, busca informação sem uma estratégia específica pré-definida, o que aponta a necessidade de iniciativas para fornecer diretrizes de boas práticas na pesquisa científica.

Em seguida, os respondentes do questionário foram apresentados a uma lista de diversas fontes de informação, impressas, digitais e online, para que apontassem com qual frequência consultam cada tipo. Como não é de se surpreender, os buscadores de *Google* se destacaram da seguinte forma:

- *Google*, sendo consultado “sempre” ou “frequentemente” por 92% dos estudantes, e com nenhum respondente assinalando a opção “nunca”.
- *Google Acadêmico*, com 67% dos alunos usando-o sempre ou frequentemente, e 17% que afirmam usar pouco ou nunca, estes sendo majoritariamente da área das Exatas.

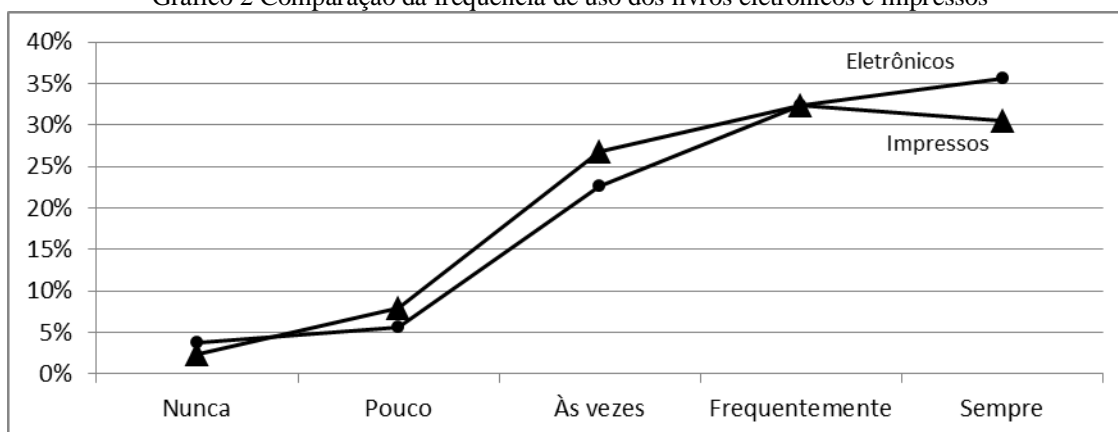
Gráfico 1 Distribuição da frequência de uso dos buscadores Google



Fonte: autoria própria.

Um resultado interessante obtido foi a semelhança de respostas em relação ao uso dos livros eletrônicos, acessíveis a partir de coleções disponíveis online através do site da biblioteca da universidade. Como pode ser visto no gráfico 2 abaixo, este formato de suporte virtual de livros tem um grau de aceitabilidade relativamente alto entre os respondentes que assemelha àquele para os livros impressos. São os estudantes das áreas das Exatas que demonstram mais interesse pelo suporte digital dos livros eletrônicos, compondo a maior parcela de respondentes que respondeu “sempre” e “frequentemente”.

Gráfico 2 Comparação da frequência de uso dos livros eletrônicos e impressos



Fonte: autoria própria.

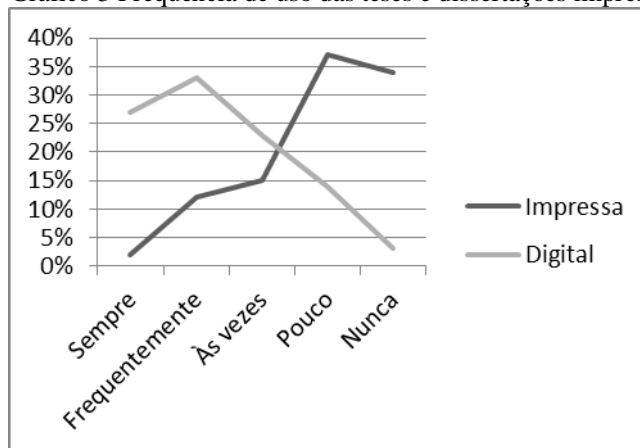
Ao analisarmos quais são as áreas do conhecimento que mais utilizam os livros impressos, vimos que os resultados são quase que equilibrados, sendo o uso um pouco maior entre alunos oriundos das Ciências Exatas e da Terra, e das Engenharias. Isto é, embora a área das Ciências Exatas seja mais dinâmica em alguns pontos, com atualizações mais frequentes e dinâmicas de conteúdo, comprometendo a durabilidade do conteúdo de um livro impresso, os alunos mostram que esse suporte de informação na forma de livros impressos ainda é muito presente no seu cotidiano, principalmente representado por livros texto (frequentemente custosos) das suas áreas.

A preferência pelo meio digital em detrimento do impresso encontra-se refletido nos resultados sobre a frequência no uso de periódicos científicos impressos comparados com os digitais, acessíveis online. Para os impressos, 74% dos respondentes foram distribuídos entre os pontos “pouco” ou “nunca” na escala Likert utilizado no questionário, com apenas 1% afirmando “sempre” usar este suporte físico para periódicos. No entanto, talvez seja mais surpreendente que, em relação ao uso de periódicos online, em meio digital, também pouco mais da metade dos respondentes (56%) respondeu que utiliza este tipo de fonte “nunca” ou “pouco”, com apenas 14% usando-os “sempre” e 12% “frequentemente”. Este resultado possivelmente aponta ao fato que esta geração é mais habituada a acessar a informação em

nível do artigo via bases de dados e buscadores, de forma desconexa do “pacote” do volume e número do periódico no qual foi originalmente publicado. Isto pode indicar que os usuários atuais pesquisam os assuntos e autores de interesse nas bases de dados de forma aleatória, varrendo em vários periódicos simultaneamente, e não fazendo como era de praxe antigamente, quando os pesquisadores costumavam acompanhar e seguir a publicação dos índices correntes de cada periódico de sua área. Se isto for verdade mesmo, uma das explicações seria que, dado o volume de informações produzidas atualmente, ficou quase impossível para os pesquisadores acompanhar a publicação dos sumários e índices de cada periódico de suas áreas de interesse. Cabe notar que a mesma preferência significativa pelo meio digital foi identificada para a categoria de Revistas e Jornais de Notícias.

Em relação ao uso das Teses & Dissertações impressas, as porcentagens dos respondentes que as usam “sempre, frequentemente e às vezes”, somadas chegam a apenas 29%, (2%, 12% e 15% respectivamente), com apenas quatro alunos dizendo usar sempre, dois deles de Ciências Exatas e da Terra, um de Ciências Biológicas e um de Ciências Humanas. No entanto, quando comparamos este uso com o uso das “Teses & Dissertações digitais” (comparação representada no gráfico 3 abaixo), há um grande aumento no número de respondentes: somando as categorias na escala Likert de “sempre”, “frequentemente” e “às vezes”, essa quantia sobe para 83%. Bem diferente do resultado referente ao uso da fonte impressa, o suporte digital para este tipo de fonte é utilizado “sempre” por 27% dos alunos, majoritariamente da área das Humanas, resultado este que atesta o grande sucesso dos esforços das bibliotecas universitárias brasileiras, incentivadas e apoiadas por órgãos governamentais como CAPES e o IBICT, em disponibilizar estes produtos informacionais em bibliotecas digitais de acesso aberto com a visibilidade eficaz dos seus metadados a partir de buscadores na internet.

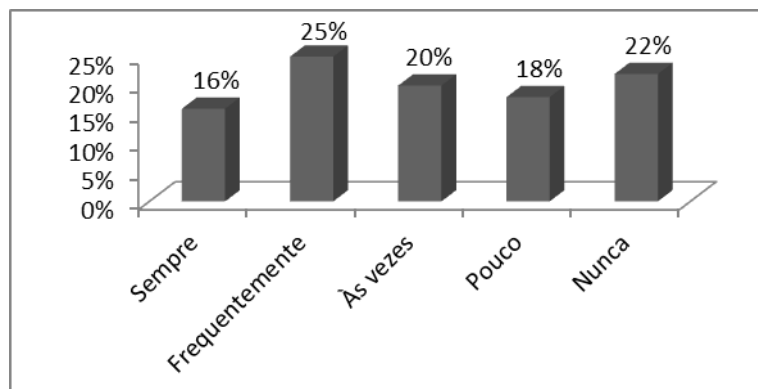
Gráfico 3 Frequência de uso das teses e dissertações impressas e digitais



Fonte: autoria própria.

Um resultado revelador obtido foi aquele relativo à questão feita sobre o uso das bases de dados, pois os respondentes apresentaram-se divididos nas suas respostas, como demonstrado no Gráfico 4 abaixo. Este gráfico demonstra que mesmo tendo uma maior interação com o ambiente virtual-digital, os respondentes ainda não utilizam de maneira mais ampla e aprofundada as ferramentas de busca informatizadas e mais sofisticadas que estão disponíveis ao seu alcance na biblioteca universitária e a partir da plataforma do Portal de Periódicos da CAPES. Nesta mesma questão, obtivemos como uma resposta aberta uma declaração de dúvida sobre o que seriam “as bases de dados”: o respondente comentou que caso a SciELO seja uma, então ele utilizou alguma vez, mas ao contrário, não sabia dizer. Tal comentário aponta para nos, da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, como essas categorias e conceitos de diferentes tipos de fontes de informação possivelmente tenham pouca relevância para o usuário, que apenas quer acessar “a informação”. Algumas perguntas e comentários dos usuários neste sentido, quando da aplicação de questionários com perguntas abertas ou entrevistas, denotam que eles não conhecem os termos técnicos e definições de produtos e serviços informacionais da área bibliotecária, como é o caso de: bases de dados, tesouros, comutação e serviço de referência, entre outros.

Gráfico 4 Frequência com que os respondentes utilizam bases de dados



Fonte: autoria própria.

Quando perguntados sobre quais vantagens os usuários viam ao utilizarem bases de dados como a *Web of Science* e outras, em uma questão onde poderiam marcar mais de um item, vimos que mesmo que uma parcela dos respondentes reconheça essas fontes de informação como sendo mais confiáveis e de conteúdo mais atualizados (47% e 30% respectivamente), quase que a mesma proporção de respondentes, 44%, admite que não costumam usar essas bases de dados. Neste ponto, transparece uma carência na sua aquisição de um conjunto mínimo de competências informacionais, mesmo já estando no meio universitário. Ficou evidente que o problema não se restringe em simplesmente “encontrar” as informações necessárias para realizar seus estudos e trabalhos acadêmicos, mas também, em reconhecer onde e como buscar por essas informações, de modo a atingir um resultado qualitativo de alto nível. Isto pode indicar lacunas na divulgação dos produtos e serviços da biblioteca por um serviço eficiente de marketing bibliotecário. Também pode apontar um problema cultural dos estudantes universitários, de baixo interesse e aproveitamento dos já poucos recursos educacionais oferecidos no Brasil.

Dentre os que utilizam as bases de dados, catálogos online e a Internet como um todo, ao serem questionados sobre quais estratégias e expressões de busca utilizam na hora de filtrar e selecionar os resultados, como seria previsível, a consulta de tesouros especializados é a estratégia menos utilizada – por apenas 6% dos entrevistados, divididos quase que igualmente entre alunos de cursos das Humanas e as Exatas. Os recursos e estratégias de

busca mais utilizadas apresentadas tanto em uma pergunta fechada, quanto em outra aberta, são os mais simples utilizados no *Google*, como a utilização de aspas, representando 22% do total. Porém, ainda é relativamente alta a porcentagem de alunos que somente digita seu termo de busca, sem utilizar algum recurso para filtrar os resultados: 38% dos respondentes. Com relação à forma de avaliar os resultados recuperados no *Google*, o mais comum apresentado pelos respondentes é de pesquisar apenas a primeira página de resultados recuperada, sendo o mais comum ler as primeiras três páginas, mas, caso seja necessário, poucos respondentes (n=4) dizem olhar em mais páginas dos resultados e usar o caracter asterisco (\*) para obter mais informações sobre determinado dado.

De modo geral, então, os recursos informacionais menos utilizadas são “Teses & dissertações impressas”, “Revistas e jornais de notícias impressas”, “Periódicos impressos” e “Repositórios” e “Catálogos de bibliotecas online”. Para esta última, somando as porcentagens dos que usam “pouco” e “nunca”, chegamos a 52% dos respondentes, sendo que 26% da soma das respostas “nunca” são de alunos oriundos da área das Exatas, resultado este preocupante dado a riqueza de informação contida num catálogo online de uma biblioteca.

Em relação ao declarado pouco uso dos “Repositórios digitais” (69% afirmam ter usado “pouco” e “nunca”: 25% e 44%, respectivamente, a maioria destes oriunda dos cursos das Exatas), esse deveria ser visto no contexto daquelas respostas obtidas para a questão sobre a frequência de uso do *Google Scholar* (utilizado muito pelos respondentes do questionário). Pois, muitas pessoas não se dão conta de que os resultados de pesquisa recuperados com consultas a esta ferramenta de busca online recupera nada mais do que artigos científicos arquivados em Repositórios, e cujos metadados tem sido coletados (*harvested*) pelos algoritmos do Google. Ou seja, o Google Acadêmico (*Google Scholar*) acaba sendo uma “porta de entrada” para o conteúdo de uma rede interoperável e mundial de repositórios de acesso aberto que contêm textos completos.

Mesmo com uma disparidade entre os alunos que apresentaram um perfil mais bem informado quanto às fontes de informação e suas ferramentas, quando perguntamos sobre os critérios de avaliação da qualidade das fontes, isto é, se os resultados obtidos numa busca poderiam ser confiáveis, os alunos apresentaram uma noção comum desses critérios. A maioria dos alunos confiam na qualidade porque procuram artigos por indicação de docentes e/ou bibliotecários (63%), ou levam em consideração quais são os autores responsáveis pela publicação (72%), sendo que esses autores também são conhecidos a partir de indicações de docentes. Houve poucos comentários abertos acrescidos a esta questão, mas aqueles que sinalizaram outras estratégias de avaliação incluíram: a avaliação do método científico empregado no texto recuperado (n=2); a proveniência da informação da fonte é de uma universidade conhecida (n=2); a qualidade da apresentação e layout da informação (n=1); a atualidade do site sendo acessado (n=2); a data da publicação da informação, sendo que a mais atual, de acordo com o respondente, seria mais confiável (n=1). Dois respondentes observaram que ao usar Google Acadêmico e Google, de fato somente confiam nos resultados das primeiras duas páginas dos resultados. A predominante confiança em fontes indicadas por professores e orientadores é algo também constatado em outros contextos, fora do Brasil. Neely (2006) observa como a percepção que os docentes têm da importância das técnicas de busca e avaliação das fontes de informação impactará positiva ou negativamente na percepção que seus estudantes terão das mesmas competências, mas que este ponto chave é frequentemente ignorado na avaliação do impacto que as intervenções de letramento informacional possam suscitar nas práticas informacionais de estudantes.

Ao questionarmos os estudantes sobre a frequência com a qual vão ao prédio da biblioteca principal da universidade e para qual motivo, tivemos a seguinte distribuição de respostas entre os dois pontos extremos dos graus de frequência na escala Likert, apresentada na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Distribuição de graus de frequencia e uso da biblioteca da universidade

<b>Motivo principal da ida à biblioteca</b>	<b>Nunca &amp; Pouco</b>	<b>Sempre &amp; Frequentemente</b>
Fazer trabalhos em grupo	42,8%	29,8%
Estudar	37%	35%
Buscar auxílio de bibliotecários	87,4%	3,7%
Visitar exposições ou eventos	68%	11%
Emprestar e ler livros, HQs, com finalidade de lazer	39%	6%

Fonte: autoria própria.

Estes resultados mostram que os estudantes veem majoritariamente o espaço da biblioteca como um local para o estudo e realizar seus trabalhos acadêmicos, e não um ambiente onde podem visitar exposições ou “relaxar”, lendo trabalhos que não tenham a ver com seus estudos. Estes resultados quantitativos encontraram reflexo em várias reclamações (nos campos abertos no questionário) sobre o barulho relacionado à realização de alguns eventos culturais no espaço da biblioteca, e sobre a falta de mais opções de espaço para a condução de trabalhos em grupo com maior conforto. Os resultados desta questão também apontam a ausência quase total da procura pelo auxílio dos bibliotecários, o que é preocupante quando os estudantes de graduação vão predominantemente à biblioteca para fins acadêmicos, para os quais poderiam ter maior apoio desses profissionais nas buscas em bases de dados e no catálogo, por exemplo. Com este resultado vimos que os estudantes ainda não reconhecem neste profissional a habilidade de poder ajudá-los nas suas pesquisas e não conhecem seu trabalho e em quais pontos isso poderia ajudar a otimizar seu tempo e aumentar a confiabilidade nos resultados obtidos. Tal resultado preocupante aponta uma baixa utilidade da presença do bibliotecário na biblioteca para os estudantes universitários, e a necessidade urgente de mais *marketing* dos serviços prestados na biblioteca, além da necessidade de um maior conhecimento da sociedade em geral também sobre o perfil do profissional bibliotecário.

#### 4. Considerações Finais

Nosso estudo nos ajudou a delinear – mesmo que de modo preliminar – o perfil do graduando numa universidade pública brasileira, do ponto de vista das suas práticas e preferências informacionais. De modo geral, os resultados apontam que os graduandos desta geração tem uma preferência muito perceptível pelos meios e suportes digitais para recuperar e usar a informação que buscam e acessam para seus estudos universitários. Ou seja, os resultados levantados confirmam a hipótese de que a “geração Google” claramente prefere usar exatamente os recursos e ferramentas digitais como o *Google*, acima daqueles mais tradicionais, como os catálogos de bibliotecas e fontes impressas. Os resultados realçam que os universitários sentem-se muito “em casa” inseridos no mundo virtual, tal inserção trazendo consigo uma certa expectativa de que a procura por e acesso à informação deveriam ser algo “confortável”, fácil e, acima de tudo, rápido. A esmagadora preferência pelo uso dos buscadores *Google* junto com o escrutínio superficial dos resultados levantados com este buscador, e a quase total ausência do uso de recursos informacionais mais “sofisticados” encontrados na biblioteca e que necessitam de um uso mais aprofundado, sistemático e criterioso, como, por exemplo, as bases de dados, atestam este fato. Talvez o único ponto “consolador” destes resultados é que não divergem daqueles levantados em estudos semelhantes realizados em outros países. Outra faceta dessa imersão total na paisagem da informação digital é que tal paisagem é constituída precisamente pelo recurso que precisam: a informação, não importando se esta seja oriunda de uma base de dados, repositório, enciclopédia, periódico digital ou digitalizado. Ou seja, com a exceção de graduandos da área de biblioteconomia, o uso de uma terminologia para denominar e diferenciar as fontes e recursos de informação um do outro parece ser algo sem muita relevância para os graduandos,

uma constatação que talvez tenha que ser levada em conta ao determinarmos o enfoque de materiais de letramento informacional.

O maior uso dos recursos digitais no ciberespaço em detrimento do uso do espaço físico da biblioteca universitária, foi outra tendência claramente apontada pelos resultados, e mais uma tendência que é verificada em outras partes do mundo. Acredita-se que, se a biblioteca universitária puder acompanhar esta tendência, fomentando-a e sustentando-a num ambiente infraestrutural que propicie e priorize a conectividade, tanto virtual quanto presencial, ela superará esse êxodo perceptível dos graduandos do interior das bibliotecas. Se podemos caracterizar o trabalho acadêmico no meio virtual como solitário e até isolador, então a biblioteca universitária tem aí uma missão posta de se reconfigurar de tal modo que possa atrair os graduandos de volta à biblioteca oferecendo primordialmente uma infraestrutura tecnológica de ponta e onipresente, ao mesmo tempo em que permita ao usuário manter intacta sua identidade conectada, também propicia-lhe os meios e condições para participar em trabalhos de grupo, socializar, ter acesso à cultura, e estar imerso num ambiente que lhe permita encontrar “a toa” ou “sem querer” (*encounter*) a informação em todos os suportes. Por isto que Milanesi (1995), advoga, desde a década de 90, que o futuro das bibliotecas é se tornar um grande centro cultural. E isto agora faz muito sentido, porque as bibliotecas e bibliotecários precisam urgentemente criar mecanismos para repovoar os espaços das bibliotecas, que estão cada vez mais esvaziadas da presença de usuários, em especial das gerações mais jovens. A biblioteca deve se tornar um centro de convivência social, um espaço de produção artística, enfim, um centro comunitário aglutinador de pessoas, provendo as pessoas com cultura, arte, entretenimento, além da informação e do conhecimento – enfim, uma verdadeira *information commons*.

O abandono quase total das fontes impressas encontradas na biblioteca também suscita preocupações sobre a confiabilidade das informações digitais obtidas por graduandos e sobre

a sua capacidade – e interesse – em avaliá-las efetivamente. De fato, os resultados apontam que o principal “filtro de qualidade” utilizado pelos estudantes é se o recurso informacional procurado tivesse sido indicado pelo docente ou não. Podemos afirmar que tal postura equivale a uma postura de se optar pelo “caminho mais curto” para se chegar à informação confiável: por *default*, será confiável se o docente tenha a indicado. Esta é uma situação preocupante se imaginarmos estes mesmos graduandos seguindo um programa de pós-graduação, com as exigências de serem mais independentes e proativos na procura pela informação relevante e de altíssima qualidade. Além disso, a internet, em seus primórdios, era uma “terra de ninguém”, sem nenhum critério de ciência e de consciência. Atualmente, algumas iniciativas, como por exemplo o Marco Civil da Internet (2014) no Brasil, mostram a preocupação dos governantes em criar regras virtuais para limitar os abusos na rede. Por isso, os estudantes devem ter consciência de que devem olhar para a internet, com um filtro de qualidade, o qual, mais seguro do que a indicação do docente, devem ser os critérios de confiabilidade da informação científica. A recomendação para que os estudantes prefiram o uso do *Google Scholar* ao invés do *Google* é neste sentido também, pois o Google Acadêmico é um buscador exclusivo de informação científica, ou seja, ele busca quase que exclusivamente em repositórios institucionais.

Interpretamos como preocupante a ignorância quase que unânime, identificada nos resultados, em relação ao papel profissional do bibliotecário. Sugere que neste contexto dos usuários embuídos por uma auto-avaliação certa da sua independência total na tarefa de encontrarem a informação, os bibliotecários terão que literalmente redobrar seus esforços para se tornarem relevantes figuras de “peritos informacionais” que realmente possam auxiliar os graduandos a agregar valor às suas pesquisas acadêmicas, começando com a busca pela informação. Uma das frentes do rol de atividades que contribuirão a tal reconfiguração da sua imagem profissional evidentemente passará pela elaboração e condução de programas de

letramento informacional, junto com uma vigorosa promoção de tais iniciativas, explicando a importância delas nas coordenações de cursos e departamentos, insirindo-as nas grades curriculares, levando-as para a sala de aula, e não esperando o aluno ou docente ir até a biblioteca para “marcar um horário para uma sessão de letramento informacional”, embora o local da biblioteca seja potencialmente privilegiado para o oferecimento de tais intervenções, podendo fornecer uma visão direta da paisagem informacional e uso mais denso e *hands on* dos recursos. Assim, os resultados indicam também a necessidade do bibliotecário fazer um marketing da biblioteca mais atuante e próximo do aluno, expandindo os muros da biblioteca, como através de visitas presenciais em sala de aula. Entendemos que este modesto levantamento preliminar nos fornece subsídios para planejar intervenções de letramento informacional com os estudantes desta “geração *Google*” que contundentemente demonstram maior interesse pelas fontes de informação digitais, mas que não tem pleno domínio sobre as possibilidades que o meio virtual pode oferecer. De modo mais significativo, acreditamos ter identificado, neste estudo, a necessidade de uma simultânea e até urgente mudança de postura do profissional bibliotecário, que precisa se tornar mais visível, disponível e acessível aos graduandos, trabalhando não apenas para processar e por livros nas estantes, mas para estar a disposição para auxiliar em pesquisas e orientar quanto às fontes de informação. O planejamento e promoção energética de intervenções em letramento informacional focadas nos recursos digitais, e idealmente ministradas no contexto da necessidade e uso da informação, ou seja, como parte das disciplinas das respectivas grades curriculares, contribuirá em muito a esta mudança. Por fim, há de ter, também, uma concomitante reconfiguração do espaço físico da biblioteca universitária, para que este se torne o *locus* central da rotina de estudos do graduando.

## Referências

AINTON TOBY, B. Information literacy and academic libraries: the SCONUL approach (UK/Ireland). In: **Proceedings of 67th IFLA Council and General Conference**. 2001. p. 16-25.

BENT, Moira; STUBBINGS, R. The SCONUL Seven Pillars of Information Literacy. Core Model For Higher Education. **London**. Retrieved **January**, v. 23, p. 2014, 2011.

CASE, Donald O. **Looking for information: A survey of research on information seeking, needs and behavior**. Emerald Group Publishing, 2012.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: principles, philosophy and practice. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003.

FURNIVAL, A.C.M; GRACIOSO, L. M-libraries e Information Commons: novos espaços, novas práticas. **Revista GEMINIS**, n. 1 Ano 2, p. 86-105, 2011.

HEAD, Alison J.; EISENBERG, Michael B. How college students seek information in the digital age. **Project Information Literacy Progress Report: “Lessons Learned”**, 2009. Disponível em: <[http://projectinfolit.org/images/pdfs/pil\\_fall2009\\_finalv\\_yr1\\_12\\_2009v2.pdf](http://projectinfolit.org/images/pdfs/pil_fall2009_finalv_yr1_12_2009v2.pdf)>. Acesso em: 23 dez 2015.

HEAD, Alison J.; EISENBERG, Michael B. How college students seek information in the digital age. **Project Information Literacy Progress Report: “Lessons Learned”**, 2010. Disponível em: <[http://journalistsresource.org/wp-content/uploads/2012/01/PIL\\_Fall2010\\_Survey\\_FullReport1.pdf](http://journalistsresource.org/wp-content/uploads/2012/01/PIL_Fall2010_Survey_FullReport1.pdf)>. Acesso em: 23 dez 2015.

LEHMKUHL, Karyn M.; CHAGAS, Magda T. Os nativos digitais e seu comportamento de busca de informação científica on-line. XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012.

NOVELLI, V. A. M.; LEITE, M. C.; SITTA, M. I. U. Mediação da informação: usuários gerações veteranos, baby boomers, x, y, e z. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, Rio de Janeiro, 2010.

METZGER, Miriam J.; FLANAGIN, Andrew J.; ZWARUN, Lara. College student Web use, perceptions of information credibility, and verification behavior. **Computers & Education**, v. 41, n. 3, p. 271-290, 2003.

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. 10 ed. Sao Paulo: Brasiliense, 1995. v.94. 106 p. (Coleção Primeiros Passos; v.94).

NEELY, Teresa Y. **Information literacy assessment: standards-based tools and assignments**. Chicago: American Library Association, 2006.

ROWLANDS, Ian; NICHOLAS, David; WILLIAMS, Peter; HUNTINGTON, Paul; FIELDHOUSE, Maggie. The Google generation: the information behaviour of the researcher of the future. In: **Aslib Proceedings**. Emerald Group Publishing Limited, 2008. p. 290-310.

TAYLOR, Arthur. A study of the information search behaviour of the millennial generation. **Information Research: An International Electronic Journal**, v. 17, n. 1, p. n1, 2012. Disponível em: <<http://www.informationr.net/ir/17-1/paper508.html>> . Acesso em: 23 dez. 2015.

URIBE TIRADO, Alejandro. La alfabetización informacional en Iberoamérica. **Ibersid**, p. 165-176, 2010.

## APÊNDICE

### 1. Seu curso/área de pesquisa é: \*

- Ciências Agrárias
- Ciências Biológicas
- Ciências Humanas
- Ciências Exatas e da Terra
- Ciências Sociais Aplicadas
- Engenharias
- Linguística, Letras, Artes

### 2. Com qual frequência você costuma desenvolver um roteiro de pesquisa, antes de iniciar seu trabalho \*

Sempre      Frequentemente      Às vezes      Pouco      Nunca

### 3. No decorrer dos seus estudos acadêmicos/universitários, indique com qual frequência você faz uso das seguintes tipos e meios de fontes de informações: \*

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Pouco	Nunca
Teses & dissertações digitais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Teses & dissertações impressas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Base de Dados, (como por exemplo: Web of Science, EBSCO)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Google	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Google Acadêmico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Pouco	Nunca
Livros textos impressos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Livro texto eletrônicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Wikipédia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Catálogos de bibliotecas online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Revistas e jornais de notícias impressas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Revistas e jornais online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Normas técnicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Monografias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Periódicos impressos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Periódicos por meio do Portal da Capes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Repositórios digitais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Só utilizo o espaço da biblioteca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**4. Você costuma ir ao prédio da Biblioteca para quê, e com qual frequência? \***

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Pouco	Nunca
Usar, apenas, livros e materiais impressos encontrados na Biblioteca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estudar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer trabalhos em grupo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Pouco	Nunca
Visitar as exposições e/ou eventos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar o espaço como lazer, para emprestar livros de literatura e/ou HQs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Buscar auxílio dos bibliotecários	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**4.1 Caso utilize o espaço da biblioteca para outro fim, favor utilizar este espaço para comentar**

**5. Ao usar bases de dados, a internet ou catálogos online, você costuma usar estratégias e expressões de busca para obter um resultado mais direcionado? Se sim, quais: \***

- Operadores booleanos (and, or, not),
- Aspas e outros operadores do Google
- Índices de livros e revistas periódicos
- Tesouros de bases de dados especializadas (termos autorizados de busca)
- Não utilizo essas estratégias, apenas digito os termos da minha busca

**5.1 Caso utilize outra estratégia e expressão de busca, fazer descrevê-la aqui:**

**6. Ao usar buscadores na internet como Google, Google Acadêmico, você costuma analisar quantas páginas dos resultados? \***

- Apenas analiso a 1ª página de resultados.
- Análise de 1 a 3 páginas
- De 1 a 5 páginas de resultados
- De 1 a 10 páginas
- Mais que 10 páginas.

**6.1 Caso tenha alguma comentário a fazer sobre a questão anterior, use este campo.**

**7. Na sua opinião, quais as principais vantagens acerca de utilizar as bases de dados, como Web of Science, EBSCO, Dynamed, entre outras. \***

- Apresenta um conteúdo mais amplo e atualizado
- O conteúdo disponível é mais confiável do que o que pode ser encontrado na internet

- Apresenta um sistema de busca mais eficaz, possibilitando fazer várias buscas ao mesmo tempo
- Tem uma interface de fácil domínio
- Uma melhor organização dos artigos disponibilizados, por meio de tesouros, facilitando as buscas
- Não costumo utilizar as bases dados

**7.1 Caso tenha algum comentário sobre a questão anterior, favor utilizar este espaço**

**8. Quais critérios você usa para avaliar a qualidade das informações acessadas online? \***

- O quão frequente é a atualização do site
- Quem são os autores responsáveis por trás e suas credencias
- Considera a bibliografia utilizada nos artigos publicados
- Segue sugestões de docentes/orientadores/bibliotecários
- Leva em consideração o número de citações daquele site e/ou seus artigos

**8.1 Caso use outro critério ou tenha algum comentário sobre a questão 8, favor utilizar este espaço**

**9. Caso tenha algum comentário sobre o questionário, ou gostaria de acrescentar alguma outra informação não contemplada nas questões apresentadas, favor usar este campo.**